

O BRASIL NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL - HISTÓRIAS DE PRACINHAS ESTABELECENDO OS CAMINHOS DA PESQUISA NA OBRA DE NORBERT ELIAS

Carmen Lúcia Rigoni
Universidade Federal do Paraná

Resumo

A pesquisa foi embasada em três livros de Norbert Elias: *O Processo Civilizador*, que possibilitou uma análise mais profunda e que deu sentido ao meu objeto de pesquisa sobre o cotidiano dos pracinhas brasileiros. Em *Condição Humana*, lançado em 1985, 40 anos após a guerra, ELIAS nos coloca diante dos conflitos humanos que fazem parte do destino do homem. O autor vivenciou episódios importantes da política européia antes da Segunda Guerra Mundial – são marcas agudas na sua vida, com a perda de parentes muito próximos; tais fatos caracterizaram profundamente sua obra. Mas foi em seu livro *A Sociedade dos Indivíduos* é que pude perceber que tal abordagem ia ao encontro da minha pesquisa, em referência à “balança nós-eu”. O objetivo deste trabalho é mostrar a presença da Força Expedicionária Brasileira como um forte grupo dos “nós”, a situação de ir para a guerra criou vínculos nesses homens: a amizade, a fraternidade e o companheirismo. As narrativas demonstram bem o que ELIAS quis dizer com a procura da afetividade. Hoje, as Associações dos ex-combatentes, espalhadas por todo o Brasil, demonstram claramente o fortalecimento deste grupo.

Palavras-Chave: Guerras, Condição Humana, Sentimentos.

Embora Norbert Elias seja um autor muito conhecido entre os pesquisadores, a maioria de nós só teve acesso à sua obra a partir da indicação do livro – *O Processo Civilizador* – Vol. 02 – Formação do Estado e Civilização, para o nosso concurso de ingresso ao Mestrado, oferecido pelo Departamento de História em agosto de 1999.

Após um semestre de estudos voltados para a análise das obras de diversos autores, posso neste momento pautar meu trabalho de pesquisa, na escolha de Norbert Elias como autor referencial, embasando a temática de pesquisa no livro já referido, bem como em outras duas obras que achei primordiais: *A Condição Humana* – Considerações sobre a evolução da humanidade por ocasião do quadragésimo aniversário do fim de uma guerra (8 de maio de 1988) e a *Sociedade dos Indivíduos* – Mudanças na Balança nós-eu.

Acompanhando a trajetória de Elias, este autor nasceu em Brelau em 1897 e faleceu em Amsterdã em 1990. Foi uma vida longa e de estudos que marcaram a interdisciplinaridade do autor no que diz respeito à sua formação. Fez medicina, filosofia, psicologia e sociologia, fato que julgo singular e nos proporciona uma leitura clara e objetiva de suas análises sobre o Homem e a humanidade.

A sua obra demorou a ser conhecida no mundo acadêmico; como exemplo, temos *O Processo Civilizador*, que passa a ter um reconhecimento maior a partir dos anos 70 entre os pesquisadores, chegando a inspirar novas pesquisas.

Retomando a primeira obra aqui citada, *O Processo Civilizador*, acredito na possibilidade que esta possa abrir caminho e dar sentido à minha pesquisa, que em seu núcleo analisará “o cotidiano dos pracinhas brasileiros em território italiano, durante a Segunda Guerra Mundial”, numa situação que envolverá a questão de configuração *habitus*.

Do feudalismo ao Estado Nacional Moderno, Elias nos reporta ao “túnel do tempo” ao falar em comportamentos, pulsões, interdependência e uma mudança civilizadora. Nos códigos de conduta, ele nos fala de sentimentos (perigo, prisão, derrota, violência física) na compulsão que o indivíduo exerce sobre si mesmo, no autocontrole, muitas vezes introjetados em nossas personalidades e manifestadas pelos medos, dos quais outro autor também faz referência – George Duby – Ano 1000 - Ano 2000.

Em sua obra *A Condição Humana*, Elias reflete bem o seu pensamento e faz uma análise específica do pós-guerra, quando então se comemorava no mundo inteiro os 40 anos do final da Segunda Guerra Mundial. A obra *A Condição Humana* foi lançada em 1985, faz considerações sobre o que leva à guerra, e finaliza como observador dos dois blocos (Oriente e Ocidente) e a ameaça que paira sobre a humanidade, de uma catástrofe nuclear. Palavras do autor: “A guerra como a expressão mais brutal das relações de violência...”

Este é um dia para celebrarmos a paz, a paz depois do fim de uma guerra terrível. Celebramos portanto um período de 40 anos de paz – nós, os povos da Europa. Outros povos da Terra não menos felizes, onde não cessam as guerras e revoluções, as violências dos homens entre Estados ou dentro deles [...].

“*Humanas conditio*”, o destino do homem. Escolhi este título como ponto de referência, para o que proponho dizer, entre outras razões, porque os conflitos violentos entre homens, a que chamamos guerras, até onde podemos observar retrospectivamente, fazem parte do destino das condições de vida dos homens. São sofrimentos criados pelo homem, horror criado pelo homem. E, contudo, até hoje, as guerras têm ido e vindo como as inundações e tempestades, e sem que o homem as possa controlar.

Os ataques aos navios brasileiros entre 1942 a 1943 deixaram um saldo de 900 mortos, entre civis e militares. Os ataques a estes navios foram de tamanha agressividade, que o registro histórico demonstra da parte dos agressores, a maior frieza destes em relação aos sobreviventes no mar (queimados e mutilados). Tais fatos enriqueceram as páginas dos jornais, (grandes formadores da opinião pública brasileira), e o povo fez violenta pressão contra o Governo, o que ocasionou a Declaração de Guerra contra os países do Eixo.

Do ponto de vista estratégico era explicável o interesse dos americanos em estabelecer bases em nosso território (Nordeste), como também era visto pelos alemães como entreposto não só de mercadorias para a guerra, e por outro lado a aproximação do Brasil em relação à África.

Diversos foram os percalços da preparação da tropa brasileira que iria para a guerra: a situação de sairmos de uma “estrutura francesa”, que dominou por tanto tempo a estrutura o Exército, para adotarmos um padrão americano, exigente desde a seleção médica, até

novos armamentos e estratégias de combates diferentes.

Após um ano de preparativos, nossos homens embarcam em navios, com escalões diferenciados (cerca de 5.000 pessoas) com datas também. A viagem longa, com diversas situações aflorando a cada momento, sem saber exatamente o que acontecia, pois as notícias não eram repassadas, e a própria situação de estar viajando em comboio, a insegurança “pairava no ar”, poderia o navio a qualquer instante ser atacado. Os exercícios de “tiro” dos tripulantes americanos não poderiam ser confundidos com um ataque de verdade?

Muitos não dormiam tranquilos, o próprio soar da sirene era algo amedrontador, quantos viajavam agarrados às coisas pessoais, mesmo à noite. Podemos imaginar o que se passava na cabeça destes soldados.

No rosto de todos aqueles jovens, quase meninos, a mesma expressão de tristeza e cansaço, pois a simples travessia do Atlântico já havia exigido deles, na circunstância em que fora feita, grandes sacrifícios. Jamais haviam realizado uma viagem marítima. E a que fizeram foi penosa. Amontoados em porões quentes, abafados e mal cheirosos, superlotados, dormindo em beliches sobrepostos uns sobre os outros.¹

Como um grande autor contemporâneo, em função de sua origem judaica-alemã, Elias nos retrata muito bem toda a sua visão a respeito da guerra. Em certos momentos podemos considerá-lo, porque não, um homem do seu tempo, um memorialista, pois vivenciou episódios importantes da política européia antes da guerra, e como muitos, procurou refúgio fora da pátria, deixando para trás parentes muito próximos, o qual não veriam nunca mais, sendo tais fatos marcantes na trajetória dos seus trabalhos.

No seu livro *A Condição Humana* ele lembra que a recordação de Hitler e da grande matança ocorrida está ainda extremamente viva nas diversas populações que passaram pelos seus algozes. São milhares de homens que perderam suas vidas. Tais fatos não foram esquecidos e hoje por diversas formas afloram nas pesquisas, depoimentos, filmes... “Hoje choramos estes mortos – eu, sobretudo, os meus, outros os seus”.

Muitos alemães não querem falar no assunto. “Eu não quero ouvir falar mais de tudo isso [...] Os crimes de Hitler não desapareceram da memória da humanidade pelo fato de não se falar mais deles”.

Para não deixar esquecer, Pierre Nora nos fala dos “lugares” da memória: “Os lugares da memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas [...]”².

A História do tempo presente, ou a História Oral, procura reconstituir o passado, naqueles episódios com lacunas, dos “não ditos” através das pessoas que vivenciaram estes fatos, ou deles estiveram muito próximos.

Michael Pollak, assim como Norbert Elias, vivenciou períodos cruciais à procura de parentes desaparecidos na Alemanha, portanto, quase toda sua produção está voltada para a Memória. Ao se contrapor a Halwachs (memória coletiva) dizendo: “[...] em primeiro lugar, estão os “acontecimentos vividos pessoalmente, em seguida, os que são “vividos por tabela”, os acontecimentos vividos pelo grupo ou coletividade à qual a pessoa sente pertencer, são acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou, mas que no imaginário tomam tamanho relevo que no fim de contas é quase impossível que ele consiga saber se participou ou não. Tal passado é tão forte, que podemos falar de uma memória quase “herdada”.

Norbert Elias diria que o que acontece com todos os homens é que os mesmos transportam consigo, no seu habitus pessoal, particularidades do seu habitus de grupo, e que o destino de cada homem singular é também determinado pelo destino e pela reputação dos grupos ou a ele pertencem.

Sua obra *A Sociedade dos Indivíduos*, segundo o comentário do apresentador, compreendem três ensaios publicados nas seguintes datas: 1939-1940 e 1950-1987, onde a temática central fica evidente: qual a relação entre a pluralidade de pessoas e a pessoa singular, a que chamamos de indivíduo, e de pessoa singular com a pluralidade.

O problema da relação entre o indivíduo e a sociedade aflora constantemente, procurando mostrar a que ponto a pessoa é influenciada em seu desenvolvimento, na posição que se encontra neste processo social.

Mudanças na balança nós-eu

Elias nos aponta a complexidade da humanidade em seu estágio atual no que diz respeito à balança Nós-Eu. Hoje, talvez, à primeira vista pareça haver apenas um plano de integração, quando as pessoas dizem “nós”. No passado (Idade da Pedra), o “nós” realmente significava um único plano de integração. Atualmente a expressão “nós” e também o habitus social do indivíduo possuem muitas camadas (facetado) e há uma pluralidade dos planos interligados de integração.

É possível hoje se falar “nós” a respeito da família, amigos, lugares ou cidades. Quanto à carga afetiva, ela é muito maior na família enquanto referencial de identidade, ela dita aos seus membros uma carga afetiva bastante elevada. Esta força dos laços familiares teve muito a ver com a grande extensão das funções da família (clãs). Mas percebe-se também aí neste núcleo, uma mudança decisiva ocorrida na identidade – nós -, por ser inevitável a continuação do nós. Hoje é comum o indivíduo afastar-se da família sem que isto venha ameaçar sua sobrevivência.

A concorrência no trabalho levou também a mudanças nas carreiras profissionais dos indivíduos. Hoje, a balança nós-eu inclina mais para o lado do eu. Hoje as pessoas podem mais é contar consigo mesmas.

Por outro lado, surgiu uma permutabilidade maior dos relacionamentos, diríamos uma nova forma do habitus social. Essa estrutura

¹ BRAYNER, Floriano de Lima. *A Verdade sobre a FEB*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

² NORA, Pierre. *Entre Memória e História - O Fim da História Memória*. In: *Les Lieux de Memoire*. Paris, 1984.

requer do indivíduo uma maior forma de autocontrole consciente e menos espontâneo dos atos e discursos, na administração de suas relações.

Mas nada faz desaparecer das pessoas o desejo de segurança e afetividade. A individualização traz a diversidade de relacionamentos. Há uma necessidade ou anseio de um calor afetivo, de ter afirmada a afeição dos outros e pelos outros, mas ao lado de uma grande barreira, de tornar este ato espontâneo.

Na visão de Elias pode-se dizer que a atual identidade nós do indivíduo, baseia-se nos Estados Nacionais. Isto ocorreu em etapas a partir do absolutismo. O século XX nos tem demonstrado que por maior que tenha sido a individualização nos nossos tempos, em relação ao Estado Nacional moderno, a identidade nós fortaleceu-se.

A imagem do nós tem uma função social, ela dá a cada indivíduo um passado que se estende muito além do seu passado pessoal, e permite que alguma coisa das pessoas de outrora continue a viver no presente. Poderíamos dizer uma sobrevivência que transcende a existência física real, uma memória da cadeia de gerações.

Elias afirma que hoje as funções de sobrevivência estão se deslocando dos Estados Nacionais de tipo europeu para os Estados hegemônicos do tipo norte-americano, russo, e agora de maneira inequívoca para a humanidade.

A humanidade vem se tornando, cada vez mais, a unidade primordial de sobrevivência de todas as pessoas como indivíduos e de todos os sub-grupos no interior dela”. De qualquer modo, já há sinais inequívocos de que as pessoas começam a se identificar com alguma coisa que ultrapassa as fronteiras nacionais, de que sua identidade de grupos nós se desloca para o plano da humanidade.³

“Não é difícil encontrar provas dos problemas pessoais, da demanda de mudanças no habitus social, num mundo em que a mobilidade local dos seres humanos é maior do que nunca”⁴.

O autor retrata aqui especificamente o caso de imigrantes, que são vistos lá fora como forasteiros, e que somente a segunda ou terceira geração passarão a se integrar ao novo habitus.

A situação de guerra é extremamente oposta, porque na guerra quase todos os valores são deixados de lado. A guerra é tão terrificante que a questão do habitus não é totalmente identificado ou assumido.

No caso do Brasil na Segunda Guerra Mundial, a nossa tropa, ao desembarcar na Itália, vai encontrar um país semi-destruído, um povo faminto e maltrapilho, e dada a contingência de sermos aliados aos maiores exércitos do mundo (americano, inglês), nossos soldados serão recebidos não como forasteiros, mas como libertadores.

Os contatos diários com a população italiana (os que permaneceram em suas casas) com os americanos, principalmente, irão provocar certas mudanças. Na opinião do historiador Luiz Felipe das Neves, “o contato com o americano marcou muito os febianos, do soldado raso até o alto oficialato. Para muitos pracinhas, isto influiu mais que as próprias ações de combate”⁵.

Lutar ao lado dos americanos contra um dos inimigos mais aguerridos, é algo que devemos aceitar como grande experiência.

Os Estados Unidos tinham uma mentalidade pragmática, tanto no preparo do soldado, como no atendimento dos feridos. A questão da alimentação (moderníssima) e um grande controle sobre tudo. Tais fatos ficarão marcados por toda esta geração que retorna ao nosso país e as coisas não poderiam permanecer como estavam. Toda esta tecnologia virá para o país de um forma muito rápida, e podemos afirmar que foi grande a transformação deste homem ao retornar ao Brasil.

É inegável a presença da Força Expedicionária Brasileira como um forte grupo dos nós. A situação de ir para a guerra criou vínculos nestes homens, de amizade, fraternidade e companheirismo. O horror da guerra numa terra estranha, com pessoas diferentes, o medo da morte, determinadas missões, as patrulhas noturnas, em terreno montanhoso, coberto de neve, tudo isto foi fator de grande desgaste emocional.

O amor ao Regimento, aos soldados, as narrativas demonstram bem o que Norbert Elias quis dizer com a procura da afetividade e de amparo, mesmo no maior individualista.

Olívio Gondim Uzêda, fiel observador do seu batalhão, em seu livro de crônicas nos relata trechos interessantes: “O Batalhão é como um filho, gostávamos sempre de ficar cuidando, nós mesmos, dos ‘meninos’, como chamávamos nossos pracinhas”.

Todos nós sentíamos a influência que a falta de notícias exercia sobre o nosso moral: tornávamo-nos irritadiços, apreensivos, preocupados. Mas para os soldados isso ia mais além, chegava a minar-lhes a audácia, a combatividade, a resignação, etc., qualidades morais tão necessárias à guerra.

[...] Quem vive nas coletividades como nós vivemos, observa bem isto de perto (a vivacidade do brasileiro). Quem esteve em outros países, em contato com outros povos, sentiu isso perfeitamente.

[...] Uma das provas que asseveramos é a facilidade com que o ‘pracinha’ resolve seus problemas. Ele tem recursos para tudo.

[...] Com uma rapidez notável nossos soldados se adaptaram aos armamentos e à técnica de combate dos americanos.

[...] Chegados à Itália, em poucos dias quase todos falavam o italiano.

[...] Resistiram à neve. Viveram em trincheiras com 18°C abaixo de zero. Galgaram os apeninos e os Alpes, disputando com tropas especializadas em combates de montanhas.”⁶

O retorno ao Brasil

³ NORBERT, Elias. *A Sociedade dos Indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. p. 189.

⁴ *Ibid.*, p. 192.

⁵ NEVES, Luiz Felipe da Silva. *A Força Expedicionária – Uma Perspectiva Histórica*. Tese de Dissertação. Rio de Janeiro: 1994.

⁶ UZÊDA, Olívio Gondim de. *Crônicas de Guerra*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1952. p. 58-60.

Terminada a guerra e o retorno ao Brasil, o que vamos observar entre estes homens, independentemente dos locais onde moravam (os pracinhas saíram de diversas regiões brasileiras), procuraram constituir suas associações; de início todas elas tinham um caráter extremamente social, e assim funcionaram durante longo tempo.

Todos se tratavam como “companheiros” e se ajudavam mutuamente, principalmente no que diz respeito à reintegração dos amigos à família, ao trabalho e à sociedade.

Muitos não tinham profissão específica, a grande maioria possuía apenas o curso primário, não havia empregos. O governo nada fez, e quando fez dissolveu a Força Expedicionária Brasileira, antes mesmo dela retornar ao país. Os motivos eram muitos (políticos). O próprio Exército não os acolheu, e muitos serviam de zombaria para os ex-companheiros de farda que aqui permaneceram. Muitos oriundos do exército carregaram até o fim das suas carreiras uma verdadeira “via crucis” na caserna.

As associações cresceram por todo o território brasileiro, fortaleceu-se o grupo do nós. Hoje, após algumas batalhas ganhas politicamente (anos 70), quando muitos já não tinham mais muita saúde ou tinham morrido, passaram a receber proventos como militares de carreira no posto de Tenente.

Hoje essas associações podem ser classificadas como entidades “comemorativas” ou “lugares da memória”, onde ainda os velhos soldados se encontram, nos dias de alegria ou nas adversidades e, por incrível que pareça, não se fala de guerra, mas prevalece o velho espírito fraternal e de amizade entre seus associados e familiares.

Uzêda encerra o seu livro de Crônicas de Guerra, relatando sobre o último documento entregue ao Batalhão, antes do navio de retorno aportar no Rio de Janeiro.

Ter orgulho dos seus feitos, a do seu Batalhão. História-los, comentá-los, jamais se excedendo nos elogios pessoais. Não esquecer de apontar sempre as 330 baixas (mortos e feridos) que sofreu o Batalhão, homenageando por todas as formas os companheiros que ficaram mortos em terras italianas, isto é, este Batalhão* lutou pelo Brasil, veio para a guerra sofrendo todos os seus castigos, os seus soldados cumpriram o seu dever. Não dizer, nem permitir que alguém diga: A guerra foi uma excursão. Isto é ser injusto consigo mesmo, mas sobretudo injusto com os companheiros que não retornaram às suas famílias.⁷

* O Regimento de Uzêda pertencia ao 1º R.I. (Regimento de Infantaria, também conhecido como O Sampaio, originário do Rio de Janeiro). Este Batalhão sofreu os maiores reveses nos ataques feitos ao Monte Castello entre novembro e dezembro de 1944, somente passado o inverno rigoroso é que o Morro foi tomado, em fevereiro de 1945.

Abstract

The research was based in three books of Norbert Elias: *The Civilizing Process*, that facilitated a deeper analysis and that gave sense to my research object on the daily of the Brazilian squares. In *Human Condition*, thrown in 1985, 40 years after the war, ELIAS places us before the human conflicts that are part of the man's destiny. The author vivid important episodes of the European politics before Second World War – they are sharp marks in its life, with the very close relatives' loss; such facts characterized its work deeply. But it went in its book *The Society of the Individuals* it is that I could notice that such theme went to the encounter of my research, in reference to the "scale we-me". The objective of this work is to show the presence of the Brazilian Expeditionary Force as a strong group of the "knots", the situation of going for the war created entails in those men: the friendship, the fraternity and the companionship. The narratives demonstrate well that ELIAS wanted to say with the search of the affectivity. Today, the former-combatants' Associations, spread by the whole Brazil, demonstrate the invigoration of this group clearly.

Key Works: Wars, Human condition, Feelings.

Referências Bibliográficas

- BRAYNER, Floriano de Lima. *A Verdade Sobre a F.E.B.*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- NEVES, Luiz Felipe da Silva. *A Força Expedicionária Brasileira. Uma Perspectiva Histórica*. Tese de Dissertação. UFRJ, 1994.
- NORA, Pierre. *Entre Memória e História. O Fim da História Memória*. In: Les Lieux de Memoire. Paris: 1984.
- NORBERT, Elias. *A Sociedade dos Indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- _____. *A Condição Humana. Memória e Sociedade*. Lisboa: Difusão Editorial, 1985.
- _____. *O Processo Civilizador. v. II. Formação do Estado e Civilização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- UZÊDA, Olívio Gondin de. *Crônicas de Guerra*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1952.

⁷ Ibid., p. 277.